



INTER
FACES
CIENTÍFICAS

EDUCAÇÃO

ISSN IMPRESSO 2316-333X

E-ISSN 2316-3828

DOI-10.17564/2316-3828.2019v7n2p23-34

INTELECTUAIS E IMPRESSOS EDUCACIONAIS NO BRASIL

“UM CONTO MORAL QUE SIRVA DE ESPELHO DA VIDA”: BALHAZAR GOES, UM INTELLECTUAL PENSANDO O ENSINO DE HISTÓRIA

“A MORAL TALE THAT SERVES THE MIRROR OF LIFE”: BALHAZAR GOES, AN INTELLECTUAL THINKING THE TEACHING OF HISTORY

“UN CUENTO MORAL QUE SIRVA DE ESPEJO DE LA VIDA”: BALHAZAR GOES, UN INTELLECTUAL PENSANDO LA ENSEÑANZA DE HISTORIA

Magno Francisco de Jesus Santos¹

Ane Luise Silva Mecenas Santos²

RESUMO

Nos primeiros decênios do século XX, inúmeros intelectuais passaram a promover o debate acerca da renovação da educação brasileira, por meio de discussões que envolviam a aplicabilidade dos novos métodos de ensino e as características norteadoras dos diferentes campos disciplinares. Neste artigo tem-se como foco propostas sobre a metodologia do ensino de História defendidas pelo intelectual Balthazar Goes. O escopo do texto é entender as funções sociais do ensino de História na perspectiva defendida por Goes em textos elaborados nos dois primeiros decênios do sécu-

lo XX, como as “Apostilas Pedagógicas”, de 1905, e o “Programa de Ensino das Escolas Primárias” de 1912. Neste sentido, tornou-se possível entender as aproximações entre as propostas de inovações pedagógicas e os aspectos norteadores de uma cultura política republicana regional.

PALAVRAS-CHAVE

Ensino de História. Balthazar Góes. Cultura Política. Intelectual.

ABSTRACT

In the first decades of the twentieth century, many intellectuals began to promote the debate about the renewal of Brazilian education, through discussions that involved the applicability of the new teaching methods and the guiding characteristics of the different disciplinary fields. In this article, we focus on the proposals on the methodology of teaching History defended by the intellectual Balthazar Goes. The scope of the text is to understand the social functions of History teaching in the perspective advocated by Goes in texts elaborated in the first two decades of the twentieth century, such as

the “Pedagogical Handbooks” of 1905 and the “Primary Education Program” of 1912. In this sense, it became possible to understand the approximations between the proposals of pedagogical innovations and the guiding aspects of a regional republican political culture.

KEYWORDS

history teaching. Balthazar Góes. Political Culture. Intellectual.

RESUMEN

En los primeros decenios del siglo XX, innumerables intelectuales pasaron a promover el debate acerca de la renovación de la educación brasileña, por medio de discusiones que involucran la aplicabilidad de los nuevos métodos de enseñanza y las características orientadoras de los diferentes campos disciplinares. En este artículo se tiene como foco las propuestas sobre la metodología de la enseñanza de Historia, defendidas por el intelectual Balthazar Goes. El objetivo del texto es entender las funciones sociales de la enseñanza de la historia en la perspectiva defendida por Goes en textos elaborados

en los dos primeros decenios del siglo XX, como las “Apostilas Pedagógicas”, de 1905, y el “Programa de Enseñanza de las Escuelas Primarias” 1912. En este sentido, se hizo posible entender las aproximaciones entre las propuestas de innovaciones pedagógicas y los aspectos orientadores de una cultura política republicana regional.

PALABRAS CLAVE

Enseñanza de la historia. Balthazar Góes. Cultura política.

1 INTRODUÇÃO

Meu caro Manuel dos Passos

Conversando commigo a respeito de alguns trabalhos que elle tinha guardados e não se resolvia a dal-os a lume, rececioso de expor ao dedo da crítica a sua ignorância, me lembra que você me disse:

– “Sim; pode guardar seus trabalhos didacticos, que são sua propriedade e pode condemnal-os ao fundo da gaveta ou ao egoísmo de suas postillas de professor. Porém a biographia do pinctor que possuiu Sergipe, artista de gênio que honrou sua terra – essa não pode ser seu patrimônio exclusivo, mas de todos os bons sergipanos” [...]

Aracaju, Maio de 1901

Balthazar (GOÉS, 1902, p. 1).

Ao publicar a biografia de Horácio Hora, Balthazar Góes apresentou a obra com a lembrança de um diálogo com o seu colega de trabalho no Atheneu Sergipense, o professor Manuel dos Passos de Oliveira Telles², que elucidava as suas considerações atinentes aos manuscritos do lante de Geografia³. Trata-se de um registro revelador acerca da compreensão que os intelectuais do alvorecer do século XX faziam acerca das questões atinentes ao ensino.

Nas considerações de Manuel Telles, os trabalhos didáticos produzidos por Góes poderiam permanecer na condição de manuscritos, restritos ao autor e aos seus alunos. Em dimensão comparativa, Telles entendia as obras didáticas como expressões menores em relação às biografias. As primeiras poderiam permanecer em condição reclusa, como patrimônio privado do autor e restrito a apreciação do alunado. Já as biografias, especialmente as que tinham por objeto os grandes homens que tinham honrado a terra, deveriam ser compartilhadas com os “bons” patrícios. Felizmente, Balthazar Góes rompeu com os receios da

2 De acordo com Armindo Guaraná, Manuel dos Passos de Oliveira Telles foi “Nomeado a 4 de julho de 1898 lente de Grego do “Ateneu Sergipense” e Diretor da Instrução Pública e da Escola Normal de 1898 a 1903, foi por ato de 10 de julho de 1905 exonerado destes cargos por ter aceitado a nomeação para juiz de direito da Estância por decreto de 7 de julho deste mesmo ano” (GUARANÁ, 1925, p. 427).

3 Balthazar Góes foi lente de Geografia do Atheneu Sergipense até 1898. Nos idos de 1903, Manuel dos Passos Telles era diretor da Instrução Pública de Sergipe e o “notável educacionista Balthazar Góes” ocupava o cargo de diretor do Atheneu Sergipense (SERGIPE, 1903, p. 118).

crítica e acabou por publicar as duas obras: a biografia de Horácio Hora, em 1902, e a Apostilla de Pedagogia, em 1905.

Importante nome do movimento republicano, o intelectual Balthazar Góes destacou-se no cenário sergipano como um dos principais entusiastas das reformas educacionais pautadas no método intuitivo entre o final do século XIX e o alvorecer do XX. Com a paulatina perda de espaço na arena política e as decepções com os governos republicanos, Góes passou a atuar exclusivamente no campo educacional, transitando entre a docência e os cargos administrativos em instituições como a Diretoria de Instrução Pública, a Escola Normal e o Colégio Atheneu Sergipense. Ocupando estes cargos, ele escreveu importantes obras históricas e, principalmente, de cunho educacional, nas quais elucidavam suas propostas voltadas para o ensino.

Neste sentido, proponho a discutir as propostas de ensino de história pensadas por Balthazar Góes, considerando como fontes centrais o livro “Apostilas de Pedagogia”⁴, publicado em 1905 e o “Programa para o Ensino Primário”, publicado nos idos de 1912. Tenho o intuito de pensar a concepção do autor atinente à história ensinada e sua articulação com a cultura política republicana gestada pelos intelectuais vinculados ao movimento republicano de Sergipe, ou seja, os chamados republicanos históricos.

É importante salientar que Balthazar Góes, além de ter sido um sujeito que protagonizou o processo de transição entre a monarquia e a república, também foi um dos seus primeiros intérpretes, com o livro “A República em Sergipe: apontamentos para a História”, publicado em 1891. Com isso, é possível afirmar que o lente de Geografia do Atheneu Sergipense também se tornou um intérprete do seu tempo, com a escrita de uma obra que historiava as experiências no tempo presente e elucidava um direcionado para o futuro. Desse modo, o cotejo entre as diferentes obras possibilitam a compreensão das possíveis articulações

4 Neste artigo utilizarei o exemplar disponível no acervo da Biblioteca Pública Epiphânio Dórea. Agradeço a Professora Dr^a Eva Maria de Siqueira Alves por ter gentilmente disponibilizado a versão digital.

entre as demandas políticas e a construção das propostas voltadas para o ensino de História.

2 BALTHAZAR GÓES, UM INTELLECTUAL APRESENTADO PELOS PARES

Ao discutir a atuação dos intelectuais no âmbito da política, o historiador francês, Jean-François Sirinelli chega a dizer que os intelectuais se encontram “no ângulo morto da pesquisa” (SIRINELLI, 1996, p. 232). Essa condição seria resultante da ausência de olhar, nas quais os historiadores ainda apresentavam dificuldades em estudar o comportamento político dos intelectuais contemporâneos.

Apesar da repercussão das provocações apresentadas pelo historiador francês nos idos dos da década de 1990 do século XX, o comportamento político dos intelectuais ainda constitui uma barreira raramente ultrapassada pelos historiadores. Ainda é perceptível o predomínio de leituras que buscam a compreensão de homens e mulheres de letras a partir de recortes específicos, quase sempre matizados pelos campos disciplinares. Estudam-se as inquietações intelectuais sobre os diferentes campos do saber, mas nem sempre acompanhada pela dimensão econômica, social e política. Neste sentido, as pesquisas destoam do entendimento de Sirinelli (1996, p. 232), no qual: “A história dos intelectuais tornou-se assim, em poucos anos, um campo histórico autônomo que, longe de se fechar sobre si mesmo, é um campo aberto, situado no cruzamento das histórias política, social e cultural”.

No caso das pesquisas sobre o ensino de História, é recorrente encontramos investigações que se pautam exclusivamente na interpretação das propostas de ensino da disciplina, nas quais os escritos intelectuais são avaliados sob o âmbito dos preceitos pedagógicos ou historiográficos, mas sem mensurar a dimensão política dessas propostas. Neste sentido, a trajetória intelectual é deslocada do campo político e o pensamento é entendido como resultante exclusivo das leituras de obras pedagógicas, das experiências de ensino ou do diálogo historiográfico.

Uma estratégia de atenuar esse deslocamento interpretativo parte da tentativa de buscar entender a construção de narrativas e propostas de ensino de História a partir da operacionalização do conceito de cultura política. Neste sentido, torna-se possível pensar o intelectual como o sujeito de produz leituras sobre o passado, forja projetos comuns de futuro e expressa essas leituras a partir das apropriações das dimensões pedagógicas e historiográficas para construir narrativas históricas escolares, elaborar programas de ensino, planejar e ministrar as aulas. Como René Rémond (2003, p. 450) elucida:

O que se chama às vezes de cultura política, e que resume a singularidade do comportamento de um povo, não é um elemento entre outros da paisagem política; é um poderoso revelador do ethos de uma nação e do gênio de um povo.

Desse modo, pensar os intelectuais sob as lentes da cultura política, possibilita a inserção do intelectual como um sujeito no mundo, que se articula na construção de saberes e expressa as suas escolhas e posicionamentos. No caso de Balthazar de Araújo Góis, as formulações de propostas de ensino, elaboração de metodologia para formação de professores e a defesa dos princípios republicanos eram questões indissolúveis. O ensino era um ato político.

No âmbito historiográfico, Balthazar Góes foi construído como um sujeito pouco afeito ao campo político⁵ e como um exímio educador. Oriundo do curso secundário do Atheneu Sergipense, ele integrou uma pungente geração de intelectuais sergipanos,⁶ muitos dos quais tidos como herdeiros de Tobias Barreto e da Escola do Recife (NASCIMENTO, 1999). Um dos integrantes desse grupo, Manuel dos Passos de Oliveira Telles, ao prefaciar a biografia

5 Essa concepção permaneceu na historiografia sergipana contemporânea. Para o historiador Ibarê Dantas, principal interprete do passado político estadual, Balthazar Góes era “um conceituado professor, escultor, homem muito sensível e de boa-fé, mas pouco afeito ao exercício do poder” (DANTAS, 2009, p. 212).

6 No entender de Itamar Freitas, “a República de Balthazar segue o espírito recifense. Tal sistema de governo era considerado uma fatalidade. Sua formalização em terras sergipanas, uma lei inexorável” (FREITAS, 2007, p. 123).

de Horário Hora, destacou a trajetória política e docente de Balthazar Góes.

Balthazar Góes é um dos caracteres saliente de nossa sociedade. Quem o não conhecerá por sua proverbial inteireza de sua conducta moral e civil, pelo poder de sua força intelectual, pelo bello cabedal de suas habilitações? A história de nossa terra o encontra em dois momentos precípuos: – na propaganda republicana, a um tempo educador de meninos e diretor do partido recém formado, na cidade de Laranjeiras, na proclamação da República, á frente do governo provisório, como parte componente da Junta Governativa. Seu nome já recomenda um livro precioso, A História da República em Sergipe. (TELLES, 1902, p. 9-10).

Na assertiva de Manuel dos Passos de Oliveira Telles, Balthazar Góes era o intelectual polivalente, que atuava no ensino, no movimento republicano, na implantação do novo regime político e, também, como intérprete do processo de instituição da República em terras sergipenses. Tratava-se de um intelectual que atuava como educador e pensador da História, especialmente, a os episódios políticos no calor dos acontecimentos.

Na esfera política, Manuel dos Passos de Oliveira Telles apresenta Balthazar Góes como um desiludido, um homem “imerso nas solidões” e arrancado “às profundezas de seu retiro para os domínios agitados da história” (TELLES, 1902, p. 11). Era um intelectual que reverberava as contradições e os distanciamentos entre a propaganda republicana e o cenário político nacional no alvorecer do século XX. De acordo com Telles, “o espetáculo das cousas públicas cada dia tão diferente dos programmas alçados que não arrependido das ideias de outr’ora, mas descrente de um futuro melhor” (TELLES, 1902, p. 10).

Outro contemporâneo, Armindo Guaraná, destacou a defesa de seus princípios democráticos,

Espírito solidamente preparado nos profundos estudos, a que desde moço se afeiçãoou, cedo a sua individualidade conquistou pelo talento uma posição preponderante entre os mais distintos dos seus companheiros de magistério. Jornalista e político na acepção científica da palavra, escreveu para a imprensa local artigos de propaganda das idéias democráticas, de que foi sempre um adepto convencido. (GUARANÁ, 1906, p. 2).

Essa leitura corrobora com a síntese apresentada por outro biógrafo do início do século XX, Manuel Liberato Bittencourt (1913, p. 51), ao dizer que “Balthazar Góes foi também um ardente propagandista republicano, fazendo parte do governo de Sergipe, ao ser aí proclamada a República”. O ardente propagandista republicano também foi elucidado como um educador que reunia as virtudes morais, intelectuais e democráticas. Para Bittencourt:

Homem de regular estatura e constituição, pleno de inteligência e de cultura lingüística, como também de notáveis predicados morais, foi professor público de francês e aritmética, diretor de colégio em Laranjeiras, e depois professor de línguas no Aracaju. Tinha uma queda especial para o magistério, a que se dedicou com vantagem toda a sua vida. Nunca foi excedido na severidade e na justiça do julgar. Verdadeiro Catão, de uma feita reprovou em exame a própria filha do governador do Estado. Moralmente, era um tipo superior, agigantado mesmo. Publicou a *História da República em Sergipe*, *Apostilas de Pedagogia*, *Zuca* e a *Biografia de Horacio Hora*, tendo inéditos diversos e interessantes trabalhos didáticos, inclusive uma excelente *Gramática da Língua Portuguesa*⁷. Era considerado como um dos mais competentes educadores que tem tido Sergipe nestes últimos tempos. (BITTENCOURT, 1913, p. 51).

Percebe-se que, em grande medida, os traços biográficos de Balthazar Góes foram tecidos na elucidação de suas atividades como docente. No âmbito retórico de construção do herói das letras, os seus pares buscaram expressar a instrução pública como espaço compensatório, no qual a defesa dos princípios democráticos frustrados na arena política teriam sido aplicados com rigor na esfera educacional. Manuel dos Passos de Oliveira Telles afirmou que o docente possuía “reputação illibada de professor. Hora o magistério por sua inteligência e zelo, e conta uma bella escolta de discípulos ilustres, hoje cidadãos prestantes e nobilísimos” (TELLES, 1902, p. 12).

Contudo, o intelectual não foi referenciado como pensador da educação apenas pelas questões da

7 A Gramática foi divulgada como Apostila.

prática de ensino, mas também por suas elucubrações metodológicas e teóricas. Possivelmente, Balthazar Góes tenha sido um dos primeiros sergipanos a escrever sobre os procedimentos metodológicos do ensino, tentando sistematizar a aplicabilidade do método intuitivo no processo de formação de professoras da Escolas Normal e sua reverberação nas escolas primárias. Novamente Manuel dos Passos de Oliveira Telles foi o responsável por explicitar as habilidades do intelectual, dessa vez, como pensador da renovação da instrução pública:

Concatenando e condensando experiências e estudos de longos annos de tirocinio, desprezando regras e preceitos estabelecidos em livros de teoria, escreveu um compendio de Pedagogia e uma Grammatica da Língua Portugueza, para uso de seus filhos. São trabalhos de bom folego, e o último pode figurar ao lado, senão avantajarse aos de João Ribeiro e Maximino Maciel. (TELLES, 1902, p. 12).

Uma das preocupações de Manuel dos Passos é inserir Balthazar Góes no panteão de intelectuais sergipanos que se destacavam em outros espaços do Brasil, como Tobias Barreto, Sílvio Romero, Manuel Bomfim e João Ribeiro. Os elogios pautados nas comparações com sergipanos emigrados tinham como cerne explicitar que nas terras sergipanas ainda existiam homens de letras com talento similar aos que vinham se destacando em outros estados. Nos idos de 1928, na construção de material para ser exposto na Exposição Ibero-Americana de Sevilha, Prado Sampaio elencou Balthazar Góes entre os principais nomes das letras sergipanas. No entender do autor:

Objectivamente, as letras sergipanas figuram no Brasil literário e científico com larga contribuição. Para não citar as suas numerosas produções, mas somente as maiores e melhores, mencionaremos aqui, como preito de homenagem aos autores: a História da República em Sergipe, de Balthazar Góes. (SAMPAIO, 1928, p. 122).

Em tempos de reinvenção de identidades, Balthazar Góes destacou-se como intérprete dos primeiros ensaios da experiência republicana e na escrita biográfica de homens do mundo das artes. Além disso,

ele também se tornou alvo da atenção de seus pares no projeto político de firmar uma identidade na qual a república em Sergipe era pautada no protagonismo dos intelectuais.

3 A PROPOSTA DE ENSINO DE HISTÓRIA DE BALTHAZAR GÓES

Se na virada do século XIX para o XX Balthazar Góes aparecia como um intelectual relutante em expor seus escritos, nos anos posteriores a publicação da biografia de Horácio Hora a situação mudou drasticamente. As causas para essas mudanças são difíceis de serem explicadas. Uma hipótese é pautada na boa recepção de sua obra inaugural, que pode ter contribuído para a superação da insegurança e mobilizado para retirar da gaveta parte dos manuscritos. Outra parte de seu estado de saúde, no qual esteve por um período afastado de suas funções docentes e, assim, com as publicações pode ter sanado a ânsia de professor e a necessidade de diálogo.

O seu segundo livro foi publicado em 1905. Era um trabalho de cunho metodológico, intitulado “Apostillas de Pedagogia” e reunia preceitos do método intuitivo dos chamados “bons mestres”. No entender de Góes, a educação tinha como intuito promover “o estudo que procura os meios próprios para desenvolver e aperfeiçoar as faculdades e inclinações do homem para lhe tornar a vida mais fácil” (GÓES, 1905, p. 14). Neste sentido, a educação estava voltada para a preparação para a vida e a pedagogia, tida como “a arte de educar crianças” (GÓES, 1905, p. 13), seria o caminho para se pensar a aplicabilidade desse intuito.

As “Apostillas de Pedagogia” de Balthazar Góes tornou-se um instrumento de formação utilizado na Escola Normal de Aracaju. Assim como era recorrente na época⁸, obra era resultante das anotações

⁸ Isso ocorreu com professores do Colégio Pedro, como Manuel Joaquim de Macedo e João Ribeiro, com o professor do Colégio São João de Campinas, Américo Braziliense e, já no século XX, com a professora Esmeralda Masson de Azevedo (SANTOS, 2017a) e José Scaramelli (SANTOS, 2017b)

realizadas pelo professor em sala de aula e do planejamento das disciplinas lecionadas. Neste sentido, o manuscrito foi avaliado por uma comissão do Conselho Superior de Instrução, constituída por Severiano Cardoso, José Moreira de Magalhães e Francisco Monteiro de Carvalho Filho. Eles produziram, assinaram o parecer que elucidava a utilidade do texto, ao registrar que era “um trabalho utilíssimo; e sua adopção impõe-se. Riquíssimo de proposições syntheticas, ornado de conceitos que muito revelam a erudição do auctor é, sobretudo, o que se poderá chamar um livro pratico” (GÓES, 1905, p. 9).

Em relação ao ensino, Balthazar Góes se preocupou em articular as disciplinas escolares com as propostas metodológicas do método intuitivo. Tratava-se de um guia para orientar a formação de professores e de construção dos elementos norteadores de cada disciplina escolar. Para António Viñao Frago (2008, p. 205),

A disciplina é o elemento chave da profissionalização do docente, o que define o conteúdo e o espaço académico de sua profissionalização. Daí, que não se pode estudá-los separadamente, como se fossem dois campos sem relação alguma, a história das disciplinas escolares e a do processo de profissionalização dos docentes. Quer dizer, a história de sua formação e titulação, de sua seleção, das matérias que ensinam, dos temas sobre os quais trabalham ou investigam e do controle que exercem tanto sobre a formação e seleção dos futuros professores de seu campo disciplinar – ou outros campos – como sobre o trabalho profissional de quem já pertence ao mesmo (o quê e como ensinam, o quê e como investigam, com quem e como se relacionam profissionalmente em seu campo disciplinar ou fora do mesmo).

Neste sentido, tanto a Apostilla de Pedagogia, como o Programma de Ensino, escritos por Góes, reverberam as características pensadas para as disciplinas escolares, com a construção de um perfil docente e a caracterização metodológica do ensino. O propósito era tornar o ensino significativo, deixando de ser uma inútil enunciação de nomes que só contribuíam para a memorização. A ênfase recaía em ações como conhecer, especialmente em disciplinas como Geografia, Corografia e História. Em relação ao ensino de Corografia ele destacou:

O ensino de Chorographia não deve ter por mira o conhecimento exclusivo e, pois, inútil dos nomes das localidades e rios. A Chorographia tende a dar conhecimento da conformação do terreno; das direcções em que estão localizadas e seguem os rios, as estardas, os cannaes, etc. É ella que nos faz conhecer as riquezas do solo, os monumentos, os pontos commerciaes, os meios de transportes e as distancias. (GÓES, 1904, p. 93).

Dois questões se destacam na explanação do docente. A primeira é a conjunção entre o que não deveria ser feito e o modelo potencial a ser aplicado. Possivelmente, o início de cada definição metodológica para as especificidades disciplinares elucidavam elementos que norteavam a prática vigente, ou seja, são indícios para a compreensão do que era combatido e que acabava por vigorar nas escolas públicas sergipanas. A segunda questão é atinente ao campo metodológico. Cada disciplina escolar foi pensada segundo os princípios básicos do método intuitivo, partindo do simples para o complexo, do concreto para o abstrato, do próximo para o distante.

Diante dessa concepção, o ensino de história tornava-se um desafio, quase sempre apresentado como um problema de difícil solução. Afinal, como deveria ser lecionada para crianças uma disciplina que tinha a sua identidade pautada em conteúdos abstratos, espacial e temporalmente distantes e em relações sociais e políticas complexas? Balthazar Góes tentou solucionar o enigma da esfinge e apresentou breves considerações atinentes à história ensinada:

O ensino da História, nas escholhas primarias, tomado como resenha dos factos, que meninos não comprehendem, é um saber inútil: em relação ao tempo e ao trabalho perdido, um grande prejuízo; e em relação ao tédio e perda de amor ao estudo que o ensino assim feito produz no espírito das creanças, elle é um grande mal. (GÓES, 1905, p. 94).

Neste primeiro momento, Balthazar Góes explicitou os problemas atinentes ao ensino da História no ensino primário ao longo dos primeiros decênios do século XX. Ele sintetiza os defeitos que permeavam o ensino da disciplina escolar: resenha de fatos, perda de tempo, inutilidade do trabalho docente,

tedio e perda do amor à disciplina. Em poucas disciplinas escolares o docente elucidou um quantitativo tão vasto de problemas acerca do ensino. Isso não implica em afirmar que ele entendesse que a história não fosse relevante para a formação do cidadão republicano. Pelo contrário, ele reconhecia o papel da história no fortalecimento dos sentimentos cívicos, mas criticava a forma pela qual a disciplina era operacionalizada nas escolas públicas. Para Góes, a história ensinada deveria priorar:

É necessário que a História para as crianças seja na escola primária, o que lhes for na família o conto da boa fada: um conto moral mais extenso que de ordinário; mas com princípio, razão e fim, que sirva de espelho da vida. (GÓES, 1905, p. 94).

Na explicitação de como a história deveria ser ensinada para crianças nas escolas primárias, Balthazar Góes se aproxima de Graça Affreixo, com a busca das narrativas do lar, com as historietas, sem uso de livros didáticos e pautados na exposição dos docentes. A história deveria partir do sensível, da linguagem conhecida dos alunos a partir da experiência das narrativas familiares. Essa ideia foi complementada na apresentação da história no Programa de ensino das escolas primárias de Sergipe, publicado em 1912. Nele o então diretor da Instrução Pública de Sergipe estimula os docentes a iniciarem o ensino da disciplina pautado nas narrativas dos homens da terra, por meio da história local.

Os acontecimentos mais importantes de influência feliz ou nefasta na vida da população do lugar a que pertence a escola; biografia dos homens que se celebrizaram na localidade, por bons ou maus. Estes exercícios devem ser feitos em linguagem clara, correcta, em tom de narrações de lar, que o professor fará repetir por seus discípulos, ajudando-lhes a memória e corrigindo-lhes os defeitos de exposição e de linguagem. Attender à moralidade dos factos. (GÓES, 1912, p. 3).

É interessante perceber como, em diferentes momentos, Balthazar Góes, um exímio biógrafo, se preocupa com o ensino de história pautado na apresentação dos homens que se celebrizaram na

localidade. A biografia era entendida como o espelho, no qual os jovens do presente viam os homens do passado como exemplos a serem seguidos ou condutas a serem evitadas. Um espelho que orientava nas escolhas do presente, que guiava a juventude na vida no tempo presente.

Nessas escolhas, a ênfase na história local e nos homens notáveis do lugar não pode ser entendida apenas como uma questão metodológica do ensino ou uma concepção teórica da história pautada na ideia de ser a mestra da vida. Reverbera também a cultura política republicana da qual o próprio Balthazar Góes foi um dos inventores e difusores, que tinha como eixo a ênfase nos heróis republicanos e a defesa da contribuição de Sergipe para a história pátria a partir dos expoentes intelectuais. Ao contrário do Rio Grande do Norte, que tinha o sacrifício em defesa da liberdade, da religião, da república e da pátria como pilar, Sergipe tinha como eixo central na cultura política republicana o envio de mentes pensantes para os grandes centros do país.

Os conteúdos de história estabelecidos pelo seu Programa de Ensino também reverberam as escolhas políticas de episódios que conectavam o passado ao presente. Tudo deveria ser ensinado a partir da leitura e das exposições dos professores. No primeiro ano de ensino de história, ou seja, na segunda série, os conteúdos eram:

História

(Nada decorado: leitura e explicações)

I. a) Descobrimto do Brasil; seus primeiros habitantes; colonização pelos portugueses. b) Reinado de D. João VI; sua volta a Portugal.

II. a) D. Pedro I, sua regência, perturbações do paiz; projecto de retirada; o fico, a independência, principaes personagens desses acontecimentos. b) D. Pedro I resolve retirar-se; a abdicação; D. Pedro II na menoridade; a Regência. c) Maioridade de D. Pedro II e seu reinado até a proclamação da República.

III. a) O 15 de Novembro; Benjamin Constant, marechal Deodoro da Fonseca; b) O governo provisório, a constituição republicana, a bandeira; c) Os presidentes da República até nossos dias. – Este ensino deve ser feito como as histórias do lar, escrevendo e fazendo escrever no quadro a summa dos acontecimentos, especialmente o nome dos protagonistas. (GÓES, 1912, p. 10-11).

A história do Brasil foi dividida em três partes, regidas pela dimensão política. É interessante perceber a ênfase nos protagonistas, na apresentação dos nomes dos presidentes e, principalmente, como a República, um regime com uma trajetória de 23 anos ocupava o mesmo espaço dos demais períodos. Considerando que a segunda fase, o Império, ainda contava com o ensino sobre o movimento republicano, é plausível afirmar que a proposta de ensino apresentada por Góes era predominantemente presentista (MAGALHÃES; GONTIJO, 2013). O tempo presente norteava o ensino. A experiência republicana protagonizava a história escolar. Na terceira série apareciam os conteúdos atinentes a História de Sergipe:

História

Revisão e ampliação do ano anterior, especialmente quanto ao período republicano.

a) Divisão da história de Sergipe. b) Resumo do período colonial até a capitania independente. c) Sergipe sob o regime imperial. d) Sergipe desde a proclamação da República até nossos dias. (GÓES, 1912, p. 11).

Novamente, é visível o predomínio da experiência republicana, que deveria ser a ênfase da revisão dos conteúdos do ano anterior. Em relação ao ensino da história estadual, ocorre uma tentativa de delimitar os conteúdos também a partir dos parâmetros da política nacional. O início do ensino de história pelo distante e complexo nacional pode ser entendido como uma tentativa de atenuar o problema da evasão. Neste caso, mesmo com a evasão, a criança sairia da escola com algum conhecimento sobre o passado nacional. Por esse motivo, a história de Sergipe só aparecia na terceira série e era repetida na série seguinte, quando ocorria a “revisão e ampliação do programma do 3º ano” (GÓES, 1912, p. 12).

Se a evasão era compreendida como um dos maiores entraves para a educação brasileira, o civismo disseminado nas escolas era o instrumento ideal para edificar uma pátria civilizada. Para Baltazar Góes, “o patriotismo não mata o altruísmo. Amar a pátria, exforçar por seu progresso, é um sentimento mui nobre de emulação, que nos leva a igualarmos

as nações que admiramos e aplaudimos em suas altas conquistas” (GÓES, 1912, p. 15). Neste cenário, os símbolos nacionais eram espelhos que refletiam o patriotismo, pois “a bandeira nacional, deixa de ser uma tela, convertendo-se em symbolo de nosso valor, de nosso mérito; o seu aspecto afflagará sempre o nosso amor, o nosso entusiasmo pela pátria” (GÓES, 1912, p. 15).

O civismo proposto extrapolava os conteúdos disciplinares de História, Corografia e Educação Moral e Cívica. O espaço escolar das escolas primárias (SANTOS, 2013) deveria ser transformado em espaços de culto às personalidades nacionais e locais, especialmente, os heróis republicanos. Góes propôs (1912, p. 15):

Serão organizados previamente, de accordo entre professores e o director dos grupos (ou entre os professores e a auctoridade da instrucção, nas eschololas isoladas) programas próprios para a celebração das principaes festas nacionaes: o 7 de Setembro – a independência; o 13 de Maio – remissão dos captivos; o 15 de Novembro – proclamação da República; a Bandeira Nacional; o 24 de Outubro – independência de Sergipe.

Os professores procurarão formar em suas aulas pantheons ou galerias de retractos dos homens célebres nas letras, artes, indústrias, armas, na pedagogia, de preferencia os grandes homens de nossa pátria.

Nas propostas curriculares e extracurriculares de Baltazar Góes, a sala de aula deveria se tornar um espaço de culto público e cívico, no qual os grandes homens deveriam ser referenciados, homenageados. Todavia, assim como ocorria em sua escrita biográfica, bem como em sua defesa dos princípios democráticos, no qual afirmou que era de família pobre (GÓES, 1902), os grandes homens em sua acepção não eram somente os do campo da política, mas também incluía homens de letras (condizente com a cultura política republicana da qual foi entusiasta), artes (ele mesmo foi artista que esculpiu o altar-mor do Senhor dos Passos na Igreja da Ordem Terceira do Carmo de São Cristóvão e foi cunhado do pintor Horácio Hora) e pedagogia (seu principal campo de atuação).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, tornou-se possível compreender como as propostas de ensino de uma disciplina escolar atendiam a diferentes prerrogativas, como a do método pedagógico e das preocupações atinentes ao campo da aprendizagem, bem como às inquietações de intelectuais vinculados ao processo de constituição de uma nova cultura política. Partindo da premissa de que a cultura política busca construir uma leitura comum do passado e um projeto comum de futuro, os programas de ensino podem ser entendidos como instrumentos que extrapolam a cultura escolar e reverberam uma questão que não pode ser negada: a cultura escolar está em constante diálogo com a cultura da sociedade à qual pertence, incluindo projeções na política.

REFERÊNCIAS

ALVES, Eva Maria de Siqueira. O ensino de Aritmética proposto por Baltazar Goes. Congresso Brasileiro de História da educação, 3, **Anais [...]**, Curitiba, 2004.

ALVES, Eva Maria de Siqueira. A pedagogia de Baltazar de Araújo Gois. Encontro de Pós-Graduação da Universidade Federal de Sergipe, 2, **Anais [...]**, Aracaju, 2006. p. 1-12.

BITTENCOURT, Manuel Liberato. **Homens do Brasil – Sergipe**. V. 1. Rio de Janeiro: Typographia Mascote, 1913.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. **Dicionário Bibliográfico Brasileiro**. V. 1. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883.

DANTAS, Ibarê. **Leandro Ribeiro de Siqueira Maciel (1825-1909): o patriarca da Serra Negra e a política de Sergipe oitocentista**. Aracaju: Criação, 2009.

FREITAS, Itamar. **Historiografia sergipana**. São Cristóvão-SE: EDUFS, 2007.

GÓES, Balthazar de Araújo. **A República em Sergipe: apontamentos para a sua História (1870-1889)**. Aracaju: Typographia do Correio de Sergipe, 1891.

GÓES, Balthazar de Araújo. **Apostillas de Pedagogia: precedidas de algumas noções de Psychologia coligidas de bons mestres**. Rio de Janeiro: Orosco, 1905.

GÓES, Balthazar de Araújo. **Horácio Hora**. Aracaju: Typographia d'O Estado de Sergipe, 1902.

GÓES, Balthazar de Araújo. **Programma para o Ensino Primário: especialmente para os Grupos Escolares**. Aracaju: Estado de Sergipe, 1912.

GUARANÁ, Manoel Armindo. **Dicionário Bibliográfico Sergipano**. Rio de Janeiro: 1925.

GUARANÁ, Manoel Armindo. Balthazar de Araújo Góes. **Revista Didactica**. Rio de Janeiro, 1906.

MAGALHÃES, Marcelo de Souza; GONTIJO, Rebeca. O presente como problema historiográfico na Primeira República em dois manuais escolares. **Revista História Hoje**, São Paulo, v. 2, n. 4, p. 81-101, 2013.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **A cultura ocultada ou a influência alemã na cultura brasileira na segunda metade do século XIX**. São Cristóvão-SE: EDUFS, 1999.

RÉMOND, René. **Por uma história política**. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SAMPAIO, Joaquim Prado. **Sergipe Artístico, Litterário e Científico: memória apresentada pelo Governo do Estado de Sergipe, sob a administração do Exm. Sr. Coronel Manuel Corrêa Dantas, à Exposição Ibero-Americana de Sevilha**. Aracaju: Imprensa Official, 1928.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus Santos. **Ecos da Modernidade: a arquitetura dos grupos**

escolares sergipanos (1911-1926). São Cristóvão-SE: EDUFS, 2013.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. Ensino de História, espaços e cultura política bandeirante: José Scarameli e a escrita de livros escolares para crianças. **Revista História, Histórias**, v. 5, n. 9, p. 104-126, 2017.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. “Scenas da História do Brasil”: Esmeralda Masson de Azevedo e a escrita de livros escolares de História para crianças. **Revista História Hoje**, v. 6, n. 12, p. 204-230, 2017.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. “Simples, atraente e comovente”: o ensino de História nos programas dos grupos escolares sergipanos (1912-1924). **História & Ensino**, v. 24, n. 1, 2018, p. 165-197.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. Um passeio em dias de tormentas: a viagem do Conde d’Eu às províncias do antigo Norte do Brasil. **História**, São Paulo, v. 36, ed. 6, p. 1-30, 2017.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. Tradução de Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 35-36.

VIÑAO FRAGO, Antonio. História das disciplinas escolares. **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 18, p.173-215, set./dez. 2008.

Recebido em: 20 de Novembro de 2018

Avaliado em: 21 de Dezembro de 2018

Aceito em: 21 de Dezembro de 2018

1 Professor Adjunto do Departamento de História do Programa de Pós-Graduação em História e do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense; Integrante do Grupo de Pesquisa Teoria da História, Historiografia e História dos Espaços. E-mail: magnosantos@cchla.ufrn.br

2 Pós-Doutoranda PPED- UNIT. Doutora em História. E-mail: anemecenas@gmail.com

